

REGISTROS RUPESTRES NA ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SOBRADINHO, BA: ESTUDO CENOGRÁFICO DO BOQUEIRÃO DO BREJO DE DENTRO

Daniele Lima Luso

Na década de 1970, a partir da necessidade de construção de uma barragem para aumento do potencial energético no Rio São Francisco, foi realizado o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico que tinha por objetivo percorrer os 4214 km de extensão da barragem, bem como das áreas adjacentes na busca de informações e vestígios sobre as ocupações e os grupos que habitaram a região desde épocas pré-históricas.

Desde o fim do projeto nenhum trabalho adicional de pesquisa foi realizado, sendo retomado no fim da década de 1990 com os estudos realizados nos registros rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, a partir do qual convencionou-se chamar Área Arqueológica¹ de Sobradinho (Kesting, 2001).

Somente com a ampliação dos estudos nas áreas adjacentes, cadastradas na década de 70, aliados a dados cronológicos obtidos com a realização de escavações extensivas, que forneçam um contexto arqueológico e situem as ocupações no tempo e no espaço, será possível o estabelecimento de uma identidade cultural² para os grupos que habitaram a região.

Ciente da dificuldade em se estabelecer uma identidade cultural a partir da análise de uma área restrita, e no intuito de contribuir para o conhecimento dos grupos que ocuparam a região em apreço, este trabalho possui como objeto de estudo os registros rupestres do Boqueirão do Brejo de Dentro.

O Boqueirão em estudo localiza-se no Município de Sento Sé, norte do Estado da Bahia a 300 metros do povoado do Brejo de Dentro, Distrito de Piçarrão. Situa-se na região do Sub-Médio da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, margem direita do lago de Sobradinho, entre as coordenadas 09° 35' de latitude sul e 41° 02' longitude oeste (Fig. 01).

O problema central desse trabalho reside no fato de que apesar das características geo-ambientais não apontarem para uma local de assentamento, devido a sua formação geológica acidentada e ausência de abrigos, o local foi densamente utilizado para a prática gráfica e sobre a qual não se sabe nada a respeito das possíveis autorias.

Além disso, o levantamento dos sítios arqueológicos, com uma dominância de grafismos puros³, permitiu-nos constatar a presença de grafismos recorrentes que indicavam a ocorrência de prováveis padrões gráficos, o que nos possibilitou levantar a hipótese de que pelos aspectos gerais apresentados poderíamos pensar na possibilidade de se tratar de um grupo cultural com as mesmas características étnicas.

A técnica de execução e a forma de apresentação dos grafismos podem ser um aspecto de identificação cultural, a partir do momento em que for possível segregar padrões de apresentação gráfica e, por conseguinte, identificar perfis gráficos⁴ que aliados a um contexto arqueológico, com um posicionamento cronológico, podem determinar a identidade gráfica⁵ e cultural dos realizadores desses grafismos.

Assim, o objetivo deste trabalho consiste em a partir de uma amostra de grafismos recorrentes, segregar unidades gráficas e identificar padrões de apresentação na tentativa de propor um perfil gráfico hipotético⁶ para região em estudo, a fim de contribuir no estabelecimento de uma identidade gráfica para a Área Arqueológica em apreço.

Parâmetros Analíticos e Seleção das Amostras

Para que se tenha uma melhor compreensão do registro gráfico dentro das dimensões biológicas, culturais e ambientais é preciso considerá-lo como uma variável no contexto arqueológico e, principalmente, dentro de um sistema de comunicação. Neste caso, consideramos a pintura rupestre dentro de um enfoque sistêmico, com o estabelecimento de indicadores gráficos e ambientais, com critérios hierarquizados, de modo a permitir maior grau de confiabilidade na busca das identidades gráficas e culturais expressas no registro rupestre.

Assim, no intuito de aprofundar os conhecimentos a respeito da arte rupestre da região do Boqueirão do Brejo de Dentro e, na tentativa de verificar se os conjuntos gráficos poderiam constituir um perfil gráfico hipotético, este trabalho tem como atributos duas dimensões do fenômeno gráfico: técnica⁷ e cenográfica⁸ (já que por se tratar de grafismos puros não é possível identificar a temática⁹), a fim de segregar analogias e homologias culturais que permitam a identificação dos padrões e, conseqüentemente, os códigos de apresentação picturais.

Atribuímos, também, dois indicadores ambientais: a geomorfologia e a planialtimetria, sob os quais se observará a utilização do espaço dentro do ambiente, bem como o aproveitamento do suporte. Como parâmetros de análise optou-se por segregar unidades gráficas, definidas por seu caráter herético e velado em si mesmo, por serem grafismos bem delimitados, ordenando hierarquicamente as categorias analíticas, seguindo níveis de generalidade, de acordo com os objetivos desta pesquisa, buscando identificar as recorrências e estabelecer as relações entre elas, a fim de verificar a padronização nos comportamentos da amostra.

No processo de seleção das amostras para a análise, optou-se pela segregação de unidades gráficas que apresentavam características recorrentes e que permitissem a identificação de padrões gráficos. Esses padrões de apresentação podem fornecer características culturais que possibilitem sua filiação a uma autoria social.

O conjunto gráfico em estudo está contido em 16 sítios¹⁰. Devido à formação geomorfológica acidentada do boqueirão, os grafismos encontram-se dispersos, por vezes, isolados ao longo das formações rochosas perfazendo um total de 126 painéis de levantamento.

Na seleção das amostras para análise, procurou-se identificar as dominâncias em termos qualitativos. Para tanto, foram selecionados painéis nos quais podem ser encontrados grafismos com recorrência morfológica.

Dentre estes, 13 painéis, presentes em sete sítios (Fig. 02), apresentavam unidades gráficas bem delimitadas e com elementos de composição análogos e recorrentes que possibilitaram a identificação de padrões de apresentação gráfica e que permitiam a aplicabilidade dos parâmetros estabelecidos para a análise.

No interior destes painéis foram segregadas tais unidades para que fosse feito o estudo do agenciamento interno dos elementos de composição, bem como das relações espaciais, a fim de verificar se esta amostra constituiria um perfil gráfico para a região em estudo.

A amostra selecionada possui contornos bem delimitados e uma composição interna hermética e complexa. O agenciamento dos elementos internos aponta para a existência de um código de apresentação demonstrativo das escolhas feitas por seus autores e que também estão impressas em outros fatores que serão considerados ainda neste capítulo. Outro condicionante na escolha destas unidades é o isolamento e centralização nos painéis em que estão inseridos, o que confere grande destaque ao grafismo.

A situação geomorfológica dos sítios não demonstra estruturas passíveis de uma área de ocupação para assentamento. Trata-se de uma área acidentada, formada por paredões íngremes e fraturados. Entretanto, a existência de uma densidade de grafismos no boqueirão reflete o intenso uso deste ambiente para a prática gráfica.

Devido às condições geo-ambientais observadas e à posição dos grafismos, tanto em relação ao ambiente quanto ao espaço utilizado nos painéis, poderíamos considerar a possibilidade das escolhas de posicionamento espacial refletirem uma funcionalidade, já que estariam em pontos estratégicos de proteção contra a ação das águas e em locais de melhor visibilidade.

O aproveitamento do suporte e a disposição nos painéis conferem uma posição de destaque para as representações desta tipologia gráfica, corroborando para a identificação de um código gráfico em que a relação espacial influenciaria diretamente nas escolhas dos sistemas de apresentação gráfica.

Perfil Gráfico Brejo de Dentro

Considerando que os resultados obtidos nesta análise refletem uma padronização no tocante aos aspectos técnicos, cenográficos e ambientais, propõe-se o Perfil Gráfico Brejo de Dentro, apresentando as seguintes características:

A técnica empregada foi pintura a dedo, ao menos em relação aos contornos externos e delineamento das linhas internas, podendo o preenchimento ter sido feito por outro instrumento. Em muitos casos é possível perceber que há primeiro o delineamento das linhas para somente depois proceder ao preenchimento. A espessura das linhas varia de 1 a 3 cm.

Apresentam morfologia retangular e grande estatura, alguns chegando a medir 80 cm de comprimento. Os contornos são bem delimitados, espessos e com as extremidades arredondadas, com exceção da unidade gráfica, presente no painel 03 do sítio BOBD-05, que possui as extremidades retilíneas. O pigmento utilizado é o vermelho e o amarelo, ambos extraídos do ocre (óxido de ferro), sendo o vermelho predominante. A densidade e tonalidade do pigmento dão ao grafismo uma coloração forte, exceto em alguns painéis devido a condições de absorção dos suportes e a ação direta de agentes intempéricos.

No tocante a apresentação gráfica, as unidades analisadas (Fig. 03) apresentam uma tendência à verticalidade e seus autores buscavam destacá-las no painel, posicionando-as, geralmente, no centro do espaço gráfico utilizado, o que em conjunto com as escolhas de posicionamento no ambiente conferiam grande visibilidade aos grafismos.

A característica primordial, no que concerne a cenografia, é a relação das simetrias e agenciamento dos elementos de composição internos, notando-se uma ritmicidade na forma como estes se dispõem no interior das unidades. São formadas por linhas triangulares dispostas nas laterais, que ora estão em simetria de espelho, ora em simetria oblíqua.

Quando ocorre emprego de simetria em espelho, a junção em oposição desses triângulos, constituídos pelas linhas, formam pequenos losangos no eixo central que podem estar preenchidos ou não, com um efeito vazado. Esta característica é recorrente em várias unidades gráficas. No caso da simetria oblíqua, ocorre semelhança na formação das linhas triangulares, apenas diferem na disposição dos triângulos que estão opostos em um eixo oblíquo, dando a impressão de encaixe.

Essa relação de oposição é marcante e recorrente, tornando-se um padrão de apresentação gráfica. A composição utilizando triângulos opostos pode variar conforme a escolha no preenchimento, mas se mantém constante em diversas representações presentes no boqueirão. Constitui-se no código

de apresentação pictural da área, dada a reiterada recorrência de analogias morfológicas e de composição.

No que concerne a utilização do espaço, as características geo-ambientais são bem particulares dada a sua formação geomorfológica. O aproveitamento do ambiente reflete as escolhas feitas por seus autores para compor a cenografia das representações.

As feições geomorfológicas produziram suportes irregulares e muito fragmentados. Entretanto os locais escolhidos para a reprodução das unidades, em análise, se constituíram em pontos estratégicos. Os sítios com estas unidades estão posicionados nos pontos mais elevados, média e alta vertentes, com altimetria acima dos 450 metros, fato que lhes conferiam uma certa visibilidade.

Devido ao caráter acidentado das formações rochosas, a preferência para posicionamento dos grafismos, privilegiou os suportes que possuíam aspectos mais planos e lisos, principalmente os suportes limpos, sem marcações anteriores. Esta observação é feita notando-se a ausência de superposições destas unidades sobre outras e vice-versa.

Outro fator relevante, em relação ao aproveitamento do espaço, refere-se à localização e a implicação dos limites do suporte no delineamento das unidades gráfica. A maneira como os grafismos estão dispostos no suporte enfatizam o cuidado em se destacar o registro, centralizando-o no painel e respeitando os limites impostos pelo suporte.

Considerações finais

O Boqueirão em estudo foi utilizado para a prática gráfica por um grupo com as mesmas características culturais.

A padronização nos comportamentos da amostra analisada e a homogeneidade nas formas de apresentação gráfica, bem como a densidade de grafismos, indicam uma permanência prolongada na área.

Os dados levantados não nos permitem propor uma identidade cultural, mesmo porque o número de sítios analisados não pode ser expressão de uma realidade extensa, uma vez que o conhecimento sobre a área arqueológica em estudo ainda é muito incipiente.

Em relação ao conjunto gráfico presente no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, percebe-se a existência de grafismos com características morfológicas e cenográficas semelhantes, as mesmas relações de simetria e agenciamento interno, dados que confirmam a hipótese de que seriam formas de apresentação gráfica de um mesmo grupo.

Além disso, foram identificados grafismos com as mesmas características morfológicas e, por vezes, cenográficas em outras áreas, principalmente, na região do Sub-Médio São Francisco, em especial, na região do Vale do Rio Peruaçu (MG). Os estudos realizados pela equipe de arqueólogos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais têm fornecido contribuições acerca da tipologia gráfica, objeto deste estudo.

Contudo, para que se possa afirmar que se trata de representações de um mesmo tronco cultural, comparando com os grafismos de Sobradinho, se requer ainda estudos e cruzamento de dados. A presença de analogias seria indicativo de filiação cultural, mas para isso demandam tempo e análises aprofundadas na busca de evidências mais concretas que comprovem esta relação.

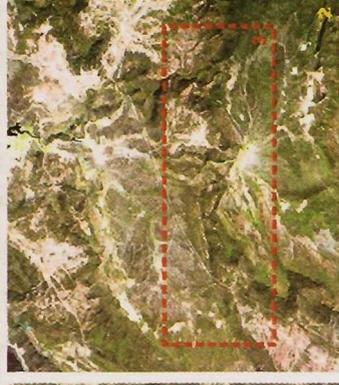
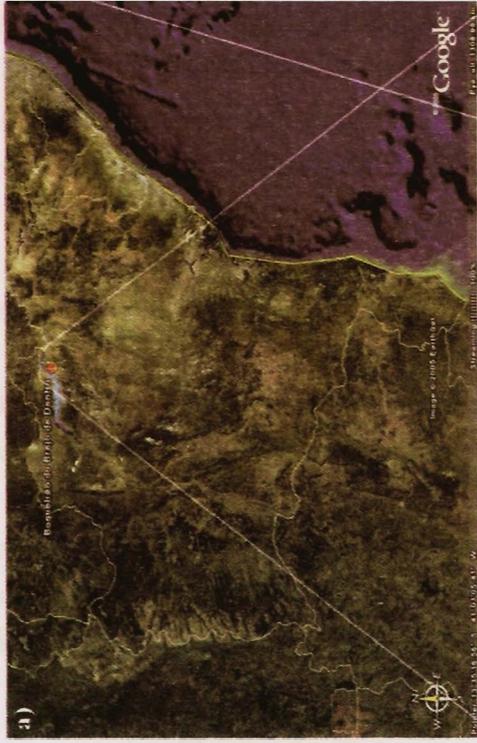


Fig. 01 a) Localização da área em relação ao Estado da Bahia; b) localização da área em relação ao Lago de Sobradinho; c) No alto, junção das cartas SC-24-V-C-IV e SC-24-V-C-V; 1- carta SC-24-V-C-V-2; 2- carta SC-24-V-C-V-2-N-E; 3- ampliação da carta anterior para melhor posicionamento da área em estudo. (Fonte: Google Earth; Projeto Brasil Visto do Espaço - EMBRAPA)

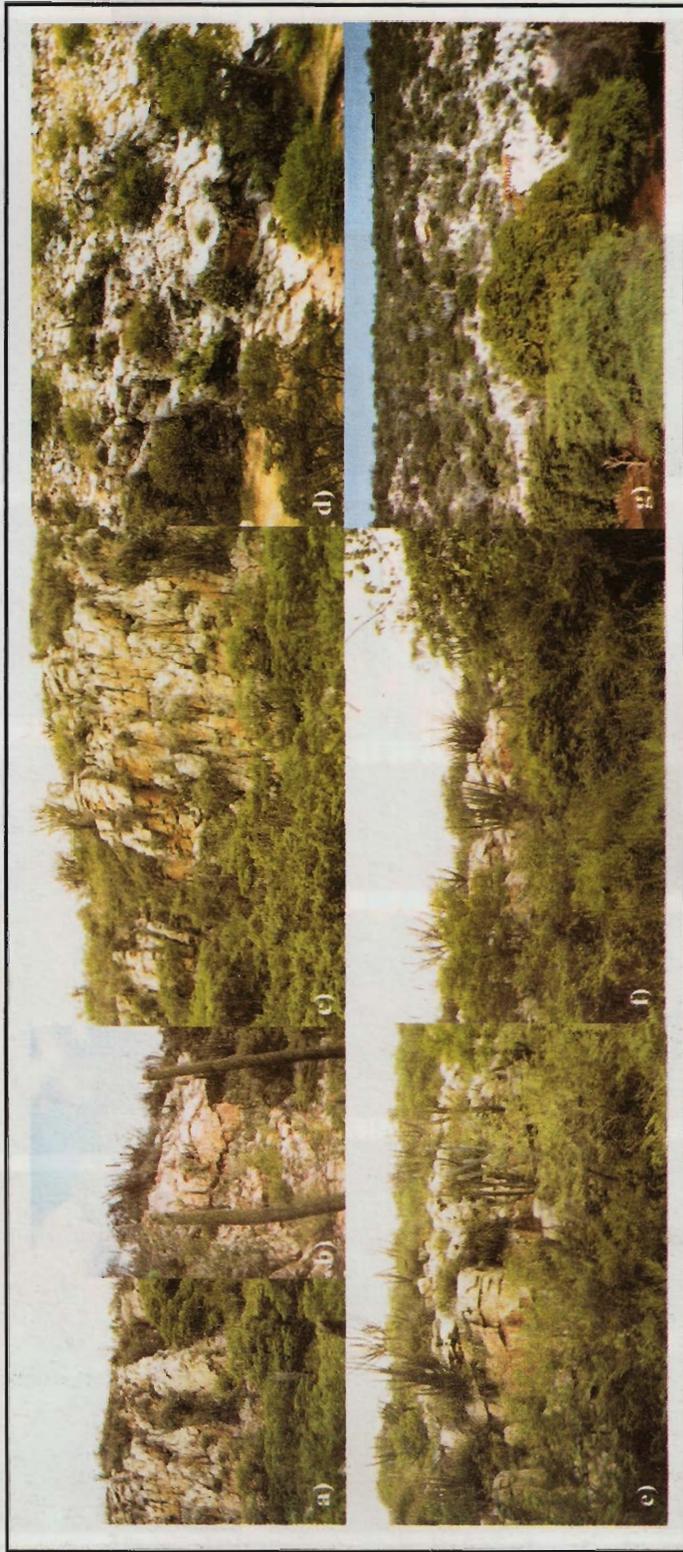


Fig. 02 a) BOBD 02; b) BOBD 04; c) BOBD 03; d) BOBD 05; e) BOBD 08; f) BOBD 07; g) BOBD 09;

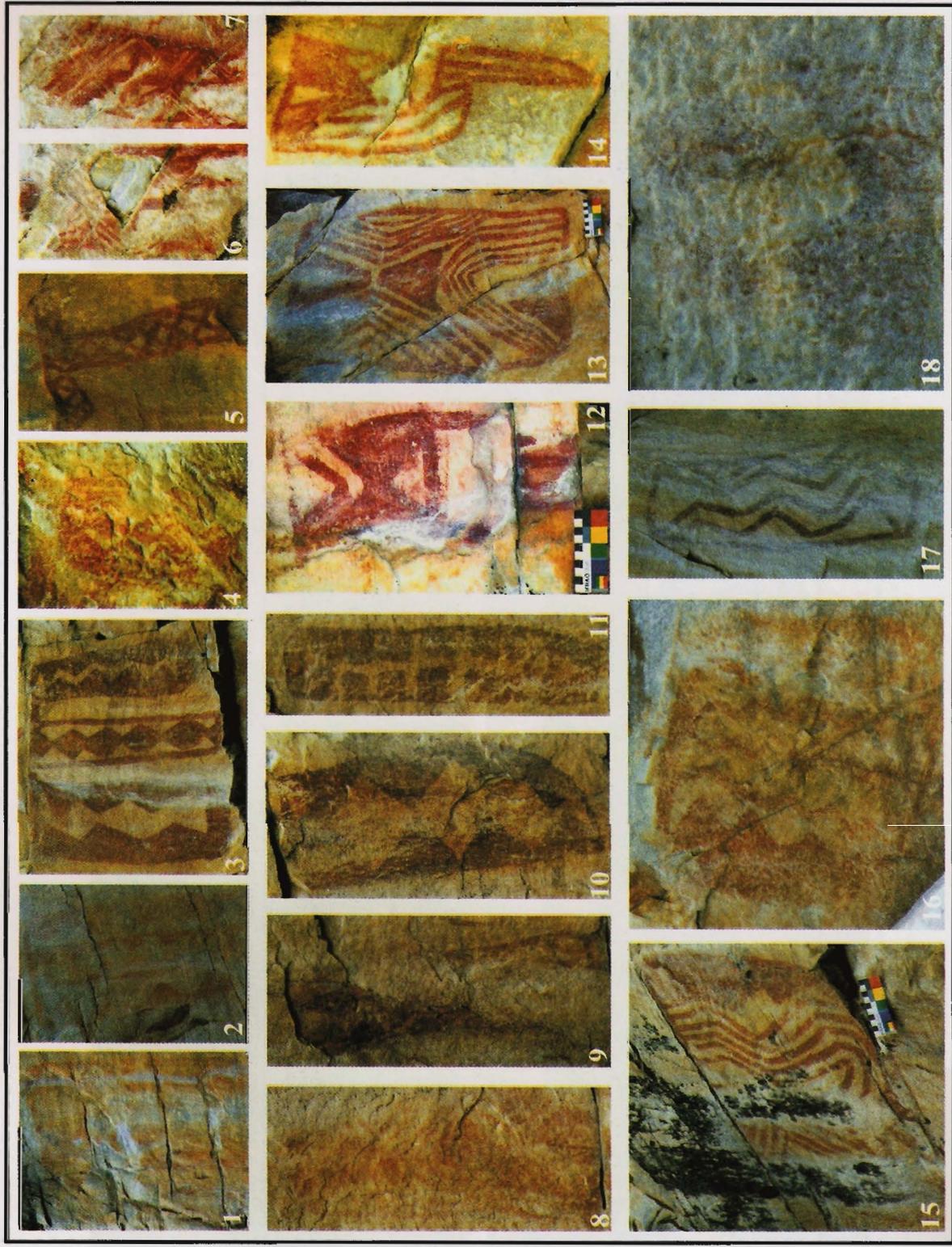


Fig. 03: Unidades Gráficas analizadas.

TABELA 1 UNIDADES GRÁFICAS ANALISADAS

Nº.	SÍTO ARQUEOLÓGICO	CÓDIGO	PAINEL	UNIDADE GRÁFICA	LOCALIZAÇÃO	ALTURA RELATIVA	DIMENSÃO Comp/Larg/Esp (em)	TIPO DE SIMETRIA
1	Paredão da Malícia	BOBD-02	Painel 01	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	107 76 3	Simetria em espelho
2	Paredão da Malícia	BOBD-02	Painel 02	02	Serra dos Caboclos	Alta vertente	70 35 3	Simetria em espelho
3	Toca do Morcego	BOBD-03	Painel 03	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	50 47 2	Em espelho e oblíqua
4	Escarpa da Mangueira	BOBD-09	Painel 02	01	Serra dos Caboclos	Meia vertente	50 30 2	Simetria em espelho
5	Escarpa da Favela	BOBD-04	Painel 01	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	42 22 2	Simetria em espelho
6	Talhado do Faxeiro	BOBD-07	Painel 01	01	Serra dos Caboclos	Meia vertente	100 55 3	Simetria em espelho
7	Talhado do Faxeiro	BOBD-07	Painel 01	02	Serra dos Caboclos	Meia vertente	100 43 3	Simetria em espelho
8	Paredão da Macambira	BOBD-08	Painel 01	03	Serra dos Caboclos	Alta vertente	77 30 2,5	Simetria em espelho
9	Paredão da Macambira	BOBD-08	Painel 01	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	72 19 2,5	Simetria oblíqua
10	Paredão da Macambira	BOBD-08	Painel 01	04	Serra dos Caboclos	Alta vertente	74 25 2,5	Simetria em espelho
11	Paredão da Macambira	BOBD-08	Painel 01	02	Serra dos Caboclos	Alta vertente	64 12 2,5	Simetria em espelho
12	Talhado do Juazeiro	BOBD-05	Painel 12	01	Serra do Saquinho	Meia vertente	26 17 2	Simetria em espelho
13	Escarpa da Favela	BOBD-04	Painel 01	02	Serra dos Caboclos	Alta vertente	71 37 2	Simetria em espelho
14	Talhado do Juazeiro	BOBD-05	Painel 03	01	Serra do Saquinho	Meia vertente	50 17 2	Simetria em espelho
15	Toca do Morcego	BOBD-03	Painel 04	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	46 60 2	Em espelho e oblíqua
16	Paredão da Macambira	BOBD-08	Painel 03	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	17 17 2,5	Simetria oblíqua
17	Toca do Morcego	BOBD-03	Painel 05	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	47 10 2	Simetria oblíqua
18	Toca do Morcego	BOBD-03	Painel 06	01	Serra dos Caboclos	Alta vertente	20 20 2	Simetria oblíqua

Notas

Danielle Lima Luso -Graduação em história e pós-graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio na UFPE, daniluso@hotmail.com

- ¹ Define-se área arqueológica como uma categoria de entrada para referenciar a pesquisa em relação a limites geográficos flexíveis dentro de uma unidade ecológica e que participe das mesmas características geo-ambientais. Assim, o estudo dentro de uma área arqueológica visa conhecer os processos de ocupação, adaptação e aproveitamento dos recursos disponíveis, por grupos étnicos que habitaram a região em tempos pretéritos. Para tanto, torna-se indispensável a obtenção de crono-estratigrafias para situar as ocupações humanas no tempo e no espaço e, assim, determinar um provável enclave arqueológico que seria o termo utilizado para designar uma área com uma densidade de sítios arqueológicos com uma gama de pesquisas realizadas e conhecimentos adquiridos suficientes para situá-los cronológica e culturalmente [categoria de saída] (Martin, 2003)
- ² Identidade Cultural – conjunto de características presentes nos vestígios da cultura material que permitam filiá-los a um determinado grupo cultural.
- ³ “sinais gráficos sem possibilidade de reconhecimento cognitivo.” (Pessis, 1992: 42)
- ⁴ Perfil gráfico é uma categoria analítica de saída no qual se estabelecem as características técnicas, temáticas e cenográficas das diferentes identidades existentes no sítio (Pessis, 1992);
- ⁵ “conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social” (Pessis, 1992).
- ⁶ Hipotético, pois lida com uma quantidade reduzida de sítios não demonstrativa da realidade representativa integral da área.
- ⁷ Dimensão Técnica – “trata dos aspectos relativos ao processo de realização das pinturas que constituem o suporte, as matérias-primas, os instrumentos e os procedimentos de realização” (Pessis, 1992).
- ⁸ Dimensão Cenográfica – “maneira como as figuras estão agenciadas em diferentes unidades para representar unidades temáticas ou composições” (Pessis, 1992).
- ⁹ Dimensão Temática – “escolhas feitas pelos autores dos grafismos rupestres sobre a morfologia e os padrões gráficos suscetíveis de serem reconhecidos” (Pessis, 1992).
- ¹⁰ Optou-se por uma identificação individual dos sítios e numerá-los conforme a ocorrência, adotando a sigla BOBD para definir Boqueirão do brejo de Dentro.

Bibliografia

- CALDERÓN, Valentin. Relatório do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico. Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF. Salvador: Gráfica Universidade Católica da Bahia, 1977.
- GUIDON, Niède. Arte Rupestre: uma síntese do procedimento de pesquisa. Arquivos do Museu de História Natural Vol. VI-VII. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
-CLIO – Série Arqueológica, nº 05. Recife: UFPE, 1982.
- KESTERING, Celito. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA. (Dissertação de Mestrado): Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- KESTERING, Celito. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA. CLIO – Série Arqueológica, nº 15. Recife: UFPE, 2002.
- KESTERING, Celito. Grafismos puros nos registros rupestres da área de Sobradinho, BA. Fundamentos III. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano, 2003.
- LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a Palavra: memória e ritmos. Lisboa: Edições 70.
- MARANHÃO, Raoni. Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico. (Dissertação de Mestrado): Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). CLIO – Série Arqueológica, nº 13. UFPE, Recife, 1998.
-Pré-história do nordeste do Brasil. Recife: Ed. UFPE, 1999.
-CLIO – Série Arqueológica, nº 16. UFPE, Recife, 2003.
- MEGGERS, Betty. Evolución y difusión cultural – enfoques teóricos para la investigación arqueológica. Ediciones Abya-yala, 1998.
- PESSIS, Anne-Marie. L’art rupestre préhistorique: premiers registres de la mise en scène. Tese de Doutorado de Estado “ès Lettres et Sciences Humaines”. Université de Paris X – Nanterre, 1987.
-Apresentação Gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de Pinturas rupestres do Brasil. CLIO – Série Arqueológica, nº 05. Recife: UFPE, 1989.
-Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil. CLIO – Série Arqueológica, nº 08. Recife: UFPE, 1992.
-Imagens da Pré-História. FUMDHAM/PETROBRAS, 2003.
- PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora UnB, 1992.
-eofatos ou realidades? Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: USP, 1999.
- RIBEIRO, Loredana. ISNARDIS, Andrei. Os conjuntos gráficos do Alto-Médio São Francisco (Vale do Peruaçu e Montalvânia) – caracterização e seqüências sucessórias. Arquivos do Museu de História Natural Vol. XVII/XVIII. Belo Horizonte: UFMG, 1996/1997.